

FRICÇÕES IDENTITÁRIAS NAS TRILHAS DE RIOBALDO

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a identidade linguístico-discursiva do sertanejo norte mineiro, tendo como contraponto a fala de Riobaldo, personagem-narrador de Grande Sertão: Veredas. A base de dados utilizada foi constituída por informações historiográficas, literárias, etnográficas, além do trabalho de campo realizado nos municípios de Monte Azul e Janaúba. Para realizar a investigação, recorreu-se a teorias advindas de um campo interdisciplinar: a Antropologia, a Análise do Discurso e a Sociolinguística. Da Antropologia, veio a fundamentação teórica sobre identidade; da Sociolinguística, a reflexão sobre a língua e suas variantes e a Análise do Discurso fundamentou a análise comparativa entre o corpus coletado junto a moradores dos dois municípios investigados e o discurso fictício de Riobaldo. A análise de dados apontou que o discurso fictício do personagem-narrador de Grande Sertão: Veredas foi construído a partir do conteúdo linguístico-discursivo dos sertanejos norte mineiros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade linguística, sertão, norte mineiro

ABSTRACT

This work has like objective discuss the identity linguistic-discursive of the miner north backwoodsman, having like counterpoint the speech of Riobaldo, personage-narrator of Grande Sertão: Veredas. Based on facts is constituted by information historiographic, literary, ethnographic, beyond the fieldwork carried

out us towns of Monte Azul and Janaúba. For it carry out the inquiry, it appealed to theory resulting of an interdisciplinary field: the Anthropology, the Analysis of the Talk and to Sociolinguistic. Of the Anthropology, came the theoretical substantiation about identity; of the Sociolinguistics, the reflection about the language and his variants and the Analysis of the Talk substantiated the comparative analysis between the corpus collected next to inhabitants of the two towns investigated and the fictitious talk of Riobaldo. The analysis of facts aims that the fictitious talk of the personage-narrator of Grande Sertão: Veredas was built from the content linguistic-discursive of the miner north backwoodsmen.

KEYWORDS: linguistic identity, backwoodsmen

INTRODUÇÃO

Fricção identitária constitui-se a matéria vertente, por meio da qual é lida, tanto no real quanto no imaginário, as diferenças de identidades entre norte mineiros e mineiros, focalizadas na questão discursiva e sociolinguística, que as situam como alteridades, mútuas, no interior da sociedade dual mineira. Entende-se por fricção identitária a realidade resultante do contato e tensão entre identidades diferentes, apreendidas através do enfoque nas relações vivenciadas por essas identidades.

Em relação à categoria fricção, FERREIRA (2000) registra, como: 1) ato ou efeito de friccionar; 2) atrito. Para o vocábulo atrito, especificamente, esse autor denota, como: 1) fricção entre dois corpos; 2)

¹ Mestre em Desenvolvimento Social / UNIMONTES; graduada em Pedagogia e Letras; professora da FAVENORTE.

desinteligência, desavença. Esse segundo conceito, atribuído ao vocábulo em questão, informa uma concepção negativa de conflito, que sobressai por trás do não dito: desinteligência ou desavença são atos que acontecem no contexto das relações humanas ou sociais. Quanto ao primeiro, refere-se a um conceito advindo de uma lei da Física e não recebe conotação negativa.

É salutar esclarecer, que não compartilhamos com a idéia de que o atrito, a fricção, seja uma ação desinteligente. Ao contrário disso, envolve sempre decisões tomadas com o uso da inteligência. O que cabe perguntar é quem, ou se alguém, se beneficia no locus da fricção, nesse ponto de contato.

A categoria fricção, no que concerne à noção de fricção interétnica, foi utilizado por OLIVEIRA (1996) para explicar que o conhecimento do contato interétnico será alcançado de modo mais completo se focalizarmos as relações interétnicas enquanto relações de fricção. Nos estudos desenvolvidos, esse autor-pesquisador desvelou a realidade de dominação pelos brancos, vivida pelos índios Tükuna, quando estes passam de uma ordem tribal para uma ordem nacional.

OLIVEIRA (id.) focaliza, portanto, a fricção interétnica como o lócus conflitivo onde se processam as adaptações dos índios a novas identidades étnicas, visando o adentramento, que não ocorre na prática, nas benesses do mundo dos brancos. Na situação emergida, os indígenas deixam de ser Tükuna para serem brasileiros. Entretanto, deixam de ser o que eram mas não conseguem ser o que almejam, passando a constituírem uma “espécie diferente de gente”, os caboclos. Nessa situação nova, constróem toda uma teoria de seu lugar social no interior da sociedade nacional, ou seja, o caboclisto. O estudioso dessa questão, constrói, a partir da teoria tükuna, uma teoria sociológica sobre a mesma.

Se, aparentemente, a fricção interétnica não diz respeito ao objeto de estudos que culminaram no presente trabalho, ela é

importante por permitir cunhar o conceito de fricção identitária. Para se compreender, no escopo do confronto entre dois discursos e duas variantes lingüísticas e, conseqüentemente, de duas identidades culturalmente distintas, como é tratado aqui, é necessário considerar a existência de igualdades e diferenças pois, é a partir delas que, as categorias sociais em jogo, se tornam dessemelhantes e se confrontam.

Assim, se faz necessário debruçar sobre as identidades e sobre as diferenças que se chocam, seja numa forma cantábili de falar, ou em outros aspectos que sejam demonstrativos da existência de variações lingüístico-discursivas ou de diferenças identitárias, sem o que não é possível tratar da fricção identitária, como aqui se pretende trabalhar.

Por esse motivo, informamos que, ao nos apropriarmos da categoria fricção e adicionarmos a ela a categoria identitária, pretendemos ler as relações que se estabelecem entre a identidade lingüístico-discursiva do norte mineiro com a sua alteridade, ou seja, os mineiros.

Em Minas Gerais, como postula COSTA (2003), compreende-se a existência de uma realidade dual. Toma-se tal dado, como alicerce, para se discutir a questão da fricção identitária e, para tanto, faz-se a opção de se trabalhar com dois contextos diferentes, ou seja, um real e um fictício para, a partir deles, fazer algumas inferências sobre as identidades em fricção. Necessário salientar, que toma-se como dada, a diferença entre a identidade mineira e a identidade norte mineira, por meio da qual os sujeitos portadores de tais identidades se friccionam em suas convivências, principalmente, quando o sujeito norte mineiro diz alguma coisa.

Nesse sentido, registra-se a experiência de um escritor montesclarenses quando de sua primeira viagem à capital, momento em que deveria ter confirmada a condição de partícipe da identidade mineira. Porém, ao falar algo, é colocado fora da identidade que, crê, o recobre e o faz igual

aos belo-horizontinos. "Quando a minha avó me levou pela primeira vez para conhecer a capital, muitos bê da merda me perguntavam se eu era baiano ou pernambucano. 'Vai perguntar a sua mãe seu filho...'" (MAURÍCIO, 1995: 33). É a partir de experiência desse tipo, que se pode afirmar estar dada a diferença entre a identidade lingüístico-discursiva de norte mineiros e mineiros.

Entretanto, não se debruçará sobre as duas identidades, porque o objetivo aqui não é compreender os conflitos, mas, dado que a identidade mineira e sua variação lingüística já se encontram legitimadas pela ideologia da mineiridade, o que se pretende é colocar em foco a identidade norte mineira e sua variação lingüística.

Para tanto, é posto em evidência que, nas diversas situações de interlocução que se processam, na convivência sertaneja e cotidiana com moradores da região norte do Estado de Minas Gerais, chama a atenção a semelhança entre as construções lingüístico-discursivas produzidas pelos falantes nativos e aquelas que o escritor mineiro Guimarães Rosa atribuiu aos seus personagens em sua obra *Grande Sertão: Veredas*, através do personagem-narrador Riobaldo.

Por outro lado, da observação empírica e espontânea dessas situações, fluíram as indagações: pelas trilhas lingüístico-discursivas dessa narrativa roseana, poderiam ser efetivamente encontradas semelhanças com a identidade lingüístico-discursiva do sertanejo norte mineiro? No confronto entre a fala do nativo e morador desse contexto, nascido nas primeiras décadas do século XX, e a fala fictícia de Riobaldo, poderiam ser evidenciadas essas semelhanças?

Sabe-se que uma das características, que tornam a obra roseana tão singular, é justamente a ousadia que o autor teve ao utilizar literariamente a cultura popular, através do registro parcial de sua oralidade. O vocábulo oralidade está sendo empregado

como significado de discursos² orais, construídos pelos sujeitos que se localizam em contextos sócio-históricos e culturais determinados.

Com essa afirmativa não se quer desconsiderar, com certeza, a riqueza dos neologismos criados por esse autor, além de outros recursos literários utilizados por ele na construção de sua obra. Entretanto, sem desconsiderar as diferenças que há entre um discurso pensado e construído com recursos próprios da literatura e outro transcrito tal qual a sua produção por sujeitos situados num contexto sócio-histórico e cultural determinado, podem-se perceber semelhanças consideráveis entre o discurso que constrói a referida obra e a fala de norte mineiros selecionados, como partícipes de categorias sociais, para alicerçar este trabalho.

Definiu-se, como objeto de pesquisa, a investigação sobre a fricção identitária e lingüístico-discursiva do norte mineiro, tendo como contraponto o discurso fictício de Riobaldo, personagem-narrador de *Grande Sertão: Veredas*. Por ser um objeto interdisciplinar, fez-se necessário buscar a compreensão do mesmo na intersecção de campos teóricos múltiplos. Na discussão do conceito de identidade/diferença, por um lado, e de fricção, por outro, buscou-se amparar, prioritariamente, na Antropologia. O adentramento no conceito de língua e suas variações teve como suporte teórico conhecimentos advindos da Sociolinguística. Entretanto, a Análise do Discurso foi se tornando essencial no decorrer do processo, em todas as suas etapas e, especialmente, na análise e interpretação dos dados.

Trilhas de Riobaldo: lugares, sujeito, personagens.

Durante o processo de indagação sobre as possíveis semelhanças entre o discurso real dos norte mineiros e o discurso fictício de Riobaldo, chamou a atenção o

² Vide ORLANDI (2001).

trabalho de VIGGIANO (1978), que esquadrinhou nos mapas nacionais mais de 250 lugares, entre cidades, povoados, vilas, rios, córregos e outros, citados no livro Grande Sertão: Veredas, ao que ele chamou de Itinerário de Riobaldo Tatarana. Dessa maneira, ele conseguiu evidenciar a tecitura genial entre realidade-ficção, construída por Rosa. A seleção dos locais onde seria levantado o corpus para realizar a investigação teve como uma das referências esses lugares mapeados por ele.

A leitura da obra desse autor despertou o desejo de percorrer todo o itinerário de Riobaldo e investigar a riqueza linguístico-discursiva dos sujeitos desses lugares, nos quais vivem e escrevem suas histórias. Como isso não foi possível, dada a precariedade de recursos materiais e limite de tempo para concluir este trabalho, fez-se a escolha por um lugar, o município de Monte Azul que, tendo existência real, é também localizado ficcionalmente no itinerário de Grande Sertão: Veredas³ conseguindo, portanto, visibilidade nessa obra.

Entretanto, ao se processar a revisão de literatura, evidenciou-se a obliteração de uma das populações tradicionais norte mineiras, os quilombolas. Apesar da evidência de que essa obra roseana, especificamente, tem como pilar a história política e a cultura do norte de Minas, seu autor não registrou a presença secular desse povo. No entanto, muitas das localidades do itinerário de Riobaldo e seus companheiros jagunços, pertencem ao território onde moram há muito tempo os gurutubanos, descendentes dos negros que adentraram há séculos essa região.

A constatação da obliteração desse povo, inclusive nessa obra, chamou a atenção para a importância de incluí-los no universo de pesquisa. Afinal de contas, estando entre os moradores mais antigos, são representantes fundantes da cultura sertaneja norte mineira, inclusive em seus aspectos linguístico-discursivos. A partir da tomada de tal decisão, passou-se ao levanta-

mento das diversas localidades que compõem o território gurutubano e optou-se por realizar a coleta de dados junto a quilombolas residentes na zona urbana de Janaúba. Ressalta-se, ainda, que Janaúba, enquanto município, não é mencionada no livro. Entretanto, faz-se referência, entre outros componentes da toponímia local, ao rio Gorutuba e um dos seus afluentes, o Quem-Quem (ROSA, 2001: 302).

A pesquisa linguístico-discursiva no sertão norte mineiro

Para a obtenção de resultados qualitativos e um melhor desempenho no processo de investigação, foi feita uma pesquisa etnográfica nos municípios de Monte Azul e Janaúba, aliada a uma pesquisa bibliográfica que teve como embasamento a obra literária Grande Sertão: Veredas e textos polifônicos com interpretações polissêmicas de tal obra. Para maior abrangência do tema e para permitir a execução de uma pesquisa com maior rigor científico, foi utilizado o método comparativo. A utilização desse método teve como objetivo comparar os dados levantados na pesquisa literária com os dados da pesquisa de campo, respaldando-se nos estudos científicos. A interpretação apoiou-se nos dados levantados tanto na pesquisa teórica quanto na empírica.

Dessa forma, para realizar a investigação, foram empregados os seguintes tipos de pesquisa: a bibliográfica e a de campo. A pesquisa bibliográfica caracterizou-se, pela leitura e análise de livros, artigos e ensaios, na busca do suporte teórico sobre o assunto, tendo como base a Sociolinguística, a Análise do Discurso e a Antropologia. A leitura e análise de Grande Sertão: Veredas perpassou todas as etapas da investigação, estando inserida na pesquisa bibliográfica. A pesquisa de campo visou a coleta de dados empíricos.

O objetivo em adotar um estudo de campo, na pesquisa, buscou identificar o perfil e um corpus linguístico-discursivo da

³ Vide citação feita na seção que trata da caracterização desse município.

população-alvo, ou seja, de moradores nativos do sertão norte mineiro. Através desse estudo, buscou-se, também, colher dados sobre o contexto histórico e sócio-cultural em que vive essa população. Os instrumentos que possibilitaram a execução do estudo de campo foram a entrevista e a observação. O universo de pesquisa foi constituído com moradores nativos dos dois municípios investigados, ou seja, Monte Azul e Janaúba. A escolha desses municípios pautou-se pelas razões já expostas.

A coleta de dados iniciou-se através da observação e da coleta de relatos orais com moradores nativos, com mais de 60 anos de idade, dos dois municípios, que forneceram informações qualitativas para a pesquisa. Esse público-alvo foi selecionado por ainda conservarem, em seus discursos, a memória e o material linguístico das primeiras décadas do século XX. A unidade de pesquisa que foi adotada restringiu-se, portanto, ao material discursivo e linguístico dos referidos moradores, além do discurso fictício do personagem-narrador Riobaldo, da obra literária roseana Grande Sertão: Veredas.

Foram colhidos relatos orais, através de entrevistas, junto a moradores nativos de Monte Azul e Janaúba, com idade variando entre 66 e 92 anos. O mote para a coleta desses relatos variou de acordo com o motivo pelo qual cada um dos municípios foi escolhido. Em Monte Azul, pediu-se aos moradores que relatassem fatos da época do coronelismo-jaguncismo. Os relatos colhidos remetem ao período em que o coronel Lévy Souza e Silva comandou a política na região. Já em Janaúba, especificamente com remanescentes quilombolas, residentes no Bairro Santa Cruz, a conversa que conduziu ao relato oral principiou-se com o pedido de que falassem sobre a história do povo gurutubano.

Através dos discursos dos gurutubanos entrevistados, foi possível entrever um pouco da religiosidade e costumes que eles ainda preservam, além da evidência da consciência de pertencimento à sua própria

cultura que estes estão desenvolvendo. Tal fato mostra o crescimento da auto-estima e, conseqüentemente, do processo de visibilização e da defesa do seu território.

A análise e interpretação dos dados coletados evidenciou que o conteúdo discursivo-linguístico de norte mineiros mais antigos ainda preserva características das primeiras décadas do século XX. Essa afirmação foi corroborada ao se fazer o contraponto entre os discursos reais desses norte mineiros e o discurso fictício do personagem-narrador de Grande Sertão: Veredas.

Identidade e diferença lingüístico-discursiva no sertão norte mineiro

A construção do arcabouço teórico pautou-se pela discussão dos conceitos de identidade, língua e discurso. Quanto à identidade, concluiu-se que, trabalhar com esse conceito, é operar com um termo que se encontra sob rasura, devido à crise posta pelo desmonte da sociedade contemporânea, cuja característica fundamental se assenta na articulação da oposição global-local, ou seja, na universalidade e na singularidade.

A consideração de tal realidade a respeito do campo teórico da identidade, evidenciou que o mesmo não é algo posto, fixo, imutável, inquestionável. Pelo contrário, trabalhou-se com a perspectiva de que as identidades são fragmentadas, múltiplas, cambiantes, multifacetadas, por serem produtos de significação e representação culturais múltiplos.

Entretanto, essa evidência não impossibilitou a discussão da identidade lingüístico-discursiva, no contexto do sertão norte mineiro, viabilizada na interface de campos teóricos que investigam, cada um a partir de suas próprias especificidades, a linguagem humana. Esse empreendimento interfacetado possibilitou a visualização de que a identidade, cujo processo de construção acontece sempre em um espaço complexo e múltiplo, alia-se a outros conceitos,

como a representação e os sistemas classificatórios.

Além disso, a identidade só existe a partir da diferença, da alteridade: não existe ou sem seu espelho, sem o outro. É interessante recordar, também, que tanto a identidade quanto a diferença são atos de criação lingüística. Recortando-se, dentro do campo discursivo sobre identidade, sua faceta cultural e, dentro desta, a lingüístico-discursiva, percebe-se que ambos os termos se situam dentro de cadeias de significação ou diferenciação semânticas.

Ao trabalhar com esses campos, vê-se que eles são constituídos a partir de sistemas classificatórios, cujo exemplo são as oposições binárias. Estas, inclusive, possibilitam a compreensão de diferenças entre pares opositivos, sendo exemplo o caso dos mineiros e norte mineiros. Em Minas Gerais, há uma realidade cultural dual. De um lado, está a cultura mineira, com sua origem na exploração do ouro. Do outro, está a cultura do norte sertanejo. Nessa região, denominada outrora de Currais do São Francisco, a base de sua cultura deu-se a partir do amálgama secular entre quilombolas, índios, bandeirantes, vaqueiros, fazendeiros.

A riqueza cultural dessa região, que inclui entre seus vários municípios Janaúba e Monte Azul, escolhidos para o trabalho de campo, como já foi exposto anteriormente, vem conquistando o interesse de pesquisadores. Essa riqueza se manifesta, também, no conteúdo lingüístico-discursivo dos norte mineiros. No entanto, para os outsiders mineiros prevalece a ilusão de sua superioridade, inclusive lingüístico-discursiva. Para eles, no norte sertanejo está a alteridade falante do português que apresenta erro lingüístico e fere seus ouvidos de mineiros.

Ainda que cada região comporte suas próprias peculiaridades culturais, inseridas aí, obviamente, as lingüísticas e discursivas, podendo-se tomar, como exemplo, a pronúncia do r pós-vocálico pelos moradores de Poços de Caldas, não se conjectura que a fala dos nativos ou residentes em locais mais ricos economicamente

possa ser a alteridade. Pelo contrário, falantes nativos de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte se consideram como a referência da identidade lingüística do país. Os mineiros que falam variações lingüísticas semelhantes àquelas dos nativos de tais cidades, manifestam que está no norte mineiro a diferença lingüística em relação às minas gerais. Desse modo, pode-se concluir que, no contexto cultural dual da sociedade mineira, há fricção entre as identidades lingüísticas e culturais dos mineiros e norte mineiros.

Sendo que a discussão sobre identidade e, conseqüentemente, sobre diferença, situa-se sempre em um contexto sócio-histórico; não acontece de forma ingênua e envolve relações de poder, há que se concluir que a classificação binária de certo e errado, no que tange às variações lingüístico-discursivas em Minas Gerais, está a serviço da manutenção de uma realidade que interessa a apenas um lado: o dos mineiros. A pretensa superioridade dos mineiros tem servido, historicamente, por exemplo, para que os recursos financeiros do estado sejam investidos, quase totalmente, em seus municípios, o que gerou a disparidade na qualidade de vida entre as minas e o norte de Minas.

Nesse cenário de desigualdades sócio-econômicas seculares, surgiu uma obra que se tornaria um clássico da literatura mundial. Grande Sertão: Veredas, que abre as portas da história política e cultural do sertão norte mineiro para todo o mundo. Sem dúvida alguma, o que mais tem chamado a atenção dos leitores-pesquisadores dessa obra, é a singularidade de sua construção.

Com um discurso pautado no imaginário e religiosidade popular, Rosa deu voz ao seu maior personagem, o fazendeiro ex-jagunço Riobaldo, para que este narrasse suas peripécias e as de seus companheiros. Para dar veracidade à sua história, o narrador lança mão, entre outros recursos, da variante lingüístico-discursiva falada no sertão norte mineiro de então, ou seja, no auge do coronelismo, com o léxico, construções sintáticas

e outros aspectos gramaticais que a caracterizam.

A análise empreendida confrontou trechos de discursos orais de nativos do sertão norte mineiro, com idade entre 66 e 92 anos de idade, moradores das cidades de Janaúba e Monte Azul, com trechos da narrativa de Grande Sertão: Veredas. O resultado dessa análise aponta para a convergência entre os dois discursos, ou seja, o real, colhido junto aos entrevistados, e o fictício, registrado na fala literária do personagem-narrador Riobaldo.

De um representante dos quilombolas gurutubanos, uma das populações tradicionais norte mineiras, mas que foi obliterada até mesmo por Guimarães Rosa, a surpresa: em seu discurso, gravado em entrevista no dia 07 de setembro de 2005, em sua residência no Bairro Santa Cruz, município de Janaúba, portanto, em pleno século XXI, a presença de um elemento fundante do discurso de Riobaldo, ou seja, o misticismo religioso.

Relatando algum problema de saúde que teve ainda na adolescência, aos 17 anos, ele afirma que entidades religiosas, anjos, o teriam vindo buscar. Além dessa referência mística, ele fala também de acordo (promessa) que fez com o Senhor Bom Jesus da Lapa, para curá-lo, e de um possível corpo fechado que teria, o que remete ao possível pacto de Riobaldo Tatarana com a entidade do mal, cujo campo semântico é vasto na narrativa.

Do discurso do Sr. Joaquim foi retirado, para análise, o conteúdo místico, dada a quase obviedade de semelhança entre o mesmo e o discurso de Riobaldo. Este passa grande parte da obra negando a existência daquele ou daquilo de quem ele registra tantos nomes retirados da cultura popular. Nos discursos dos monteazulinos entrevistados, o conteúdo aponta para a possibilidade referencial da saga dos jagunços de Grande Sertão: Veredas, por ter sido a

arena política, durante muito tempo, onde lutaram, até com derramamento de sangue, grupos liderados por coronéis locais.

Desse modo, ambos os discursos apontam, cada um à sua maneira, para a possibilidade de que Riobaldo represente a identidade lingüístico-discursiva do sertão norte mineiro, considerando o período cronológico localizado nas primeiras décadas do século XX, quando o coronelismo imperava livre em Monte Azul e arredores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante registrar que a análise do discurso, especialmente do Sr. Joaquim, em tendo como contraponto o discurso de Riobaldo, não se deteve apenas no aspecto do misticismo. Foi empreendida, também, uma breve análise morfossintática, na qual foram constatadas semelhanças em relação à construção do discurso de Riobaldo. Enfim, pode-se afirmar que ambas apontam para o fato de que o discurso textualizado de Riobaldo tem suas raízes fincadas em elementos lingüístico-discursivos ainda presentes na variante lingüística utilizada por norte mineiros.

Aqui a discussão acaba? Aqui, a discussão acabada? Aqui a pesquisa não acaba, porque o véu da identidade lingüístico-discursiva do sertanejo norte mineiro apenas começou a ser levantado. O presente trabalho é um convite para o adentramento na pesquisa desse componente cultural do contexto sertanejo norte mineiro. Sem dúvida alguma, a cultura e a história política dessa região, imortalizadas literariamente no discurso de Riobaldo, nas páginas de Grande Sertão: Veredas, projetam o próprio Brasil para além de suas fronteiras. E reforça ainda mais a tese de COSTA (2002): Minas Gerais é o coração do Brasil e não existe Minas sem seu Norte sertanejo.



BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Cynara Silde Mesquita Veloso de. *Coronelismo em São João da Ponte – 1946-1996*. Montes Claros: UNIMONTES, 2002.
- ALMEIDA, Maria Geralda de & RATTS, Alecsandro JP. (orgs). *Em busca do poético do sertão: um estudo das representações*. In: Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Ed. Alternativa, 2003. p. 71-86.
- AMORIM, João Roberto Drumond. *Oligarquias, Coronelismo, Caciques e Populistas*. Montes Claros: Unimontes, 2000.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- ANJOS, Cyro dos. *Explorações no Tempo: Memórias*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2 ed. SP: Moderna, 1996.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2 ed. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1997.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Orgs). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BERNARDEZ, Manuel. *O Gigante Deitado. Notas e actos de doze anos de vida no Brasil*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro: s/d, 2 vol.
- BIGNOTTO, Newton (org.). *Travessia - a narrativa da República em Grande Sertão*: Belo Horizonte: UFMG, 2002. p.157.
- BOLLE, Willie. *Grandesertão.br ou: A INVENÇÃO DO BRASIL*. In: *Descobertas do Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 2000. p. 1165-231.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- _____. *A economia dos bens simbólicos*. In: *Razões Práticas*. 5 ed. São Paulo: Papyrus, 2004. Pp. 157-194.
- BUIN, Edilaine. *Aquisição da escrita: coesão e coerência*. São Paulo: Contexto, 2002.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: Fundamentos e visão crítica*. 7a ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados*. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, v.2.
- COSTA, João Batista de Almeida. *Do tempo da Fatura dos Crioulos ao tempo de Penúria dos Morenos. Identidade através de Rito em Brejo dos Crioulos (MG)*. Brasília: Departamento de Antropologia/UNB, 1999. Dissertação de Mestrado.
- _____. *Mineiros e Baianeiros: englobamento, exclusão e resistência*. Brasília: Instituto de Ciências Sociais; Departamento de Antropologia/UNB, 2003. Tese de Doutorado.
- _____. *Fronteira regional no Brasil: o entre-lugar da identidade e do território baianeiros em Minas Gerais*. Goiânia: FCHF/UFG, 2002. *Sociedade Cultura: Revista de Pesquisas em Ciências Sociais*, v.5, n.1, jan./jun.
- _____. *A reescrita da história, a valorização do negro e a atualização das relações ancestrais no norte de Minas*. *Revista Verde Grande*. Montes Claros: Ed. Unimontes. v. 1, n. 2, p. 1-165, set./nov. –2005. ISSN 1806-6764.
- _____. *Cultura, natureza e populações tradicionais: o norte de Minas como síntese da nação brasileira*. *Revista Verde Grande*. Montes Claros/MG: Ed. Unimontes. v. 1, n. 3, p.1-146, dez./ fev. 2005. ISSN 1806-6764.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2001.
- DULCI, Otávio Soares. *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Humanitas. UFMG. 1999.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- FAORO, Raymundo. *A Aventura Liberal Numa Ordem Patrimonialista*. *Revista da USO-dossiê Liberalismo e Neoliberalismo*. 1992. p.14-29
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: UNB, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio: o minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. ver. Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GRANDE SERTÃO VEREDAS. Disponível em <http://educaterra.terra.com.br/literatura/livrodomes/2004/09/24/000.htm>. Acesso em 11/09/2005.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu*. In BURITY, Joanildo A. (org). *Cultura e Identidade: Perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 105-123.
- GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: Veredas*. 19 ed. (4a reimp.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GUMPERZ, J. *The speech community*. In: *International Encyclopedia of the Social Sciences*. London: Macmillan, 1968.
- HABERMAS, J. *Mudança Estrutural da Esfera Pública*. Rio de Janeiro: Beacon. Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- _____. *Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- JANAÚBA. Disponível em <http://www.nortecnet.com.br/janauba.htm>. Acesso em 12/11/2005.
- LABOV, William. *The reflection of social process in Language Structures*. In FISCHMAN, Joshua. *Reading in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968.
- _____. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

- LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 4a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. Novas Tendências em Análise do Discurso. Campinas, SP: Pontes – Editora da Unicamp, 1997.
- MAURÍCIO, João Valle. Caminhos do Boi III. In Janelas do Sobrado. Memórias. Montes Claros: Arapuim, 1995.
- MONTE AZUL. Disponível em: http://www.cdbrasil.cnpm.embrapa.br/mg/htm/mg09_59.htm. Acesso em 11/09/2005.
- MONTE AZUL. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/monteazul.htm Acesso em 11/09/2005.
- MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MUNICÍPIOS MINEIROS. Disponível em: <http://www.indi.mg.gov.br/municipios>. Acesso em 16/11/2005.
- OLIVEIRA, Marcos Fábio Martins de. e all. Formação Social e Econômica do Norte de Minas. Montes Claros: Ed. Unimontes, 2000.
- ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001.
- ORTIZ, R. A Sociologia no Horizonte do Século XXI. Texto apresentado em Seminário. Campinas, 1998.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.
- QUEIROZ, Raquel de. Sertão, sertanejos. In: Caatinga, sertão e sertanejos. Rio de Janeiro: Ed. Alimbramento, 1994[1955], p.57-66.
- QUEIROZ, Sônia Maria de Melo. Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- POSSENTI, Sírio. Porque (não) ensinar Gramática na escola. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura no Brasil, 1996.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética. SP: Parábola Editorial, 2003.
- RODRIGUES, Catarina da C. Trilhas de Riobaldo: fricções identitárias entre o real e o imaginário. Montes Claros: Unimontes, 2006. Dissertação de Mestrado.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 19 ed. (4a reimp.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SAUSSURRE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 19 ed. SP: Cultrix, 1996.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C.F.P. von. Viagem pelo Brasil. 1817-1820. 3 ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1976. 3 vol.
- STARLING, Heloísa Maria Murgel. A narrativa da República em Grande Sertão: Veredas. In: BIGNOTTO, Newton. Pensar a República. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1o e 2o graus. São Paulo: Cortez, 1993.
- VENTURA, Roberto. Os sertões entre dois centenários. In: Descobertas do Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. p. 109-123.
- VIANA & CARVALHO. República e civilização brasileira. In: BIGNOTTO, Newton (org.). Pensar a República. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- VIDAL E SOUZA, Candice. A Pátria Geográfica. Sertão e Litoral no Pensamento Social Brasileiro. Goiânia: Ed. UFG, 1997.
- VIGGIANO, Alan – O Itinerário de Riobaldo Tatarana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- WELLS, James Willians. Exploring and Travelling Three Thousands Miles through Brazil, from Rio de Janeiro to Mirabella. II vol. London: Sampson Low, Marston, Searle & Rivington, 1886.
- WOODWARD, Kathrin. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.



Foto Dione Afonso